



RESENHA

MANUAL DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Flavia Hatsumi Izumida ANDRADE¹

Jean Carlos da Silva ROVERI²

Os manuais de metodologia de pesquisa são sempre requisitados no momento de composição de um projeto de pesquisa, seja na graduação ou pós-graduação. Até o presente momento, um dos mais usados na área de Linguística Aplicada é de Bodgan e Biklen³ (1991), ainda que seja pensado especificamente para Pesquisas Qualitativas em Educação. Outro manual muito utilizado para os que iniciam a pesquisa em Segunda Língua é o de Griffée (2012)⁴, o qual é muito didático, porém escrito em inglês.

O livro *Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos*, de Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, publicado pela Editora Parábola, em 2019, preenche uma lacuna de material

1 Mestra e Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – SP. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *Campus Avaré*. Endereço eletrônico: <flavia.andrade@ifsp.edu.br>.

2 Mestre em Docência para a Educação Básica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP – *Campus Bauru* e Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP – *Campus Araraquara*. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *Campus Avaré*. Endereço eletrônico: <jean.roveri@ifsp.edu.br>.

3 BODGAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. ALVAREZ, M. J.; SANTOS, S. B. dos; BAPTISTA, T. M. Porto: Editora Porto Ltda, 1994.

4 GRIFFÉE, Dale T. *An Introduction to Second Language Research Methods: design and data*. Berkeley: TESL-EJ Publications, 2012.



de consulta para pesquisadores e estudantes interessados em realizar investigações acadêmicas, ainda que não conheçam, a fundo, os principais métodos de pesquisa.

A autora é, atualmente, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde atua como colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. É pesquisadora nível 1C do CNPQ, com experiência em temas como aquisição de língua inglesa, pesquisa narrativa, ensino de línguas mediado por computadores, linguagem, tecnologias e retórica. Coordena com outros professores o Núcleo de Pesquisa LingTec, foi editora da *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* entre 2001 a 2016 e atualmente é editora da Revista ABRALIN, o que lhe confere vasto conhecimento na temática do livro. Além disso, é expoente, em Linguística Aplicada, e precursora da Teoria da Complexidade e do Caos para a área. Possui um site no qual disponibiliza grande parte de suas publicações e é muito engajada politicamente.

O referido manual está composto de cinco capítulos: o primeiro, cujo título é “O que é pesquisa”, no qual se define o que é pesquisa e se explicitam os seus tipos de classificação; o segundo, de nome “Ética na pesquisa”, convida-nos a refletir sobre como assegurar o tratamento ético durante a condução da pesquisa; o terceiro, intitulado “Métodos de pesquisa quantitativa”, elucida os diferentes tipos de pesquisa que se enquadram nessa metodologia; no quarto capítulo, “Métodos de pesquisa qualitativa”, adentra-se nos diferentes tipos de métodos da pesquisa quali e se avaliam as pesquisas dessa natureza em termos de validade científica; o quinto capítulo, “Dicas de Pesquisa”, a autora compilou todas as publicações que fez em sua página do Facebook, nas quais dava as dicas para se pesquisar e escrever projetos, artigos, etc., material que lhe proporcionou a escrita deste livro.

No primeiro capítulo “O que é pesquisa”, Paiva apresenta uma definição sobre pesquisa baseada principalmente na busca de resolução de problemas a partir de uma coleta de análise de dados. Acrescenta e esclarece que, em Linguística Aplicada (LA), as pesquisas não



buscam as soluções de um problema (pode haver essa finalidade, mas sendo esta uma premissa), sendo o primordial a compreensão de uma realidade. A autora deixa claro que a pesquisa é também uma sistemática, cuja finalidade é resolver ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno. Ainda, neste capítulo, descreve os tipos de pesquisa a partir de uma vasta classificação: a) natureza (se de base ou aplicada a um contexto); b) gênero (teórica, metodológica, prática ou empírica); c) fontes de informação (primária, secundária, terciária); d) abordagem (quantitativa, qualitativa ou mista); e) objetivo (exploratória, descritiva, explicativa ou experimental); f) métodos ou procedimentos (que são detalhados nos capítulos 3 e 4, mas de maneira geral a partir da tecnologia para conduzir uma investigação).

O segundo capítulo “Ética na pesquisa” traz uma reflexão e discussão extremamente pertinentes no contexto atual. Isso porque aumentam, cada dia, os números de pesquisas publicadas e notícias de plágios e mentiras nas plataformas oficiais brasileiras de currículos acadêmicos. Um dos primeiros pontos que chama atenção é a percepção de que a pesquisa deve ser ética não só para o pesquisador, mas para os participantes que colaboram nela. Como muitas pesquisas em LA são realizadas com coletas de dados em contextos de escolas públicas brasileiras, Paiva ressalta a necessidade de os pesquisadores serem éticos, visto que muitos relatam as deficiências dessas realidades sem necessariamente proporem uma solução ou mesmo devolverem às escolas os resultados da pesquisa realizada. Esse retrato das mazelas gera uma imagem generalizada das instituições públicas que não contribui para melhorá-las. A autora aponta, ainda, como muitas pesquisas não se realizam em escolas privadas, as quais barram e cerceiam a ação do professor/pesquisador. Nesse sentido, o fator econômico bloqueia o desenvolvimento de investigações, nesse campo, e Paiva nos inquieta com um questionamento: “o professor, ou a direção da escola, tem direito de autorizar a observação de seus alunos ou a utilização de seus dados sem que eles ou seus pais tenham consentido?”, ou seja, há ainda aquelas pesquisas cujo maior interessado é a própria



instituição, mas não se levam a sério os critérios éticos exigidos para pesquisas com seres humanos exigidos pela Plataforma Brasil.

Ainda no sentido da ética na/da pesquisa, a autora desmistifica a ideia que vem se fazendo presente, entre alguns pesquisadores de LA, sobre um único fazer científico e de uma verdade na ciência. Isso porque afilia-se à Teoria da Complexidade, a qual se vale de diferentes epistemes e sua relação para explicar os objetos de estudo. A seção 2.1 “Como assegurar o tratamento ético” elucidada desde questões propriamente concernentes à pesquisa (tais como assegurar anonimato e garantir a não perseguição dos participantes, até questões de ordem prática, como citação e plágio) e a pesquisadores, enquanto avaliadores e pareceristas de agências de fomento de pesquisa ou revistas (trata, de forma bem singela, de alertar os colegas de área e profissão a não imporem aos trabalhos analisados, as suas convicções acadêmicas e manterem sempre tom “respeitoso e construtivo”). Todas as reflexões são dicas valiosas para se pensar a ética humana e também os limites que a pesquisa e pesquisador devem ter para garantir um tratamento digno aos pesquisados. A autora finaliza o capítulo com a transcrição do relatório da comissão de Integridade de Pesquisa do CNPQ, no qual se estabelecem regras sobre a ética na pesquisa.

No capítulo 3, dedica-se a explicar e exemplificar os diferentes Métodos de pesquisa Quantitativa. Para isso, divide-o em seis seções, sendo 5 com os tipos diferentes de métodos quantitativos: experimento; quase-experimento; pré-experimento e *survey* ou pesquisa de opinião. Na última seção, realiza uma avaliação sobre as pesquisas quantitativas, a partir de sua confiabilidade / validade e faz uma apreciação sobre experimentos e *surveys*. Sempre que define cada tipo de método de análise de dados quantitativo de pesquisa, apresenta um exemplo na área de LA. Para o primeiro tipo retratado, o experimento, salienta que realizar divisão em grupo controle e experimental (no campo educacional, principalmente) e comparar seus dados não é ético, haja vista que privar um grupo de um tratamento



considerado mais eficaz não é adequado, ainda que, posteriormente se garanta ao grupo não experimental o mesmo tratamento. Nesse tipo de pesquisa, são necessárias a validade e confiabilidade externas e internas. Por validade externa entende-se a possibilidade de os resultados serem replicados e generalizados, enquanto a interna determina a medição exata do que se quer medir. A confiabilidade interna é aquela atingida se outro pesquisador chegar ao mesmo resultado ao avaliar os mesmos dados e a externa ao ser replicado o mesmo estudo a outro contexto.

A diferença de uma pesquisa experimento para quase-experimento é que, nesta, a divisão entre grupo controle e experimental não é feita de forma aleatória, um exemplo seria tomar duas salas de aula sem que haja sorteio entre os que pertencerão a cada grupo, mas a própria divisão das salas determinar a que será controle da experimental. Por pesquisa pré-experimento, Paiva define a que se assemelha à pesquisa-ação, baseada em Phakiti (2004), na qual o pesquisador deseja melhorar o desempenho de seus alunos implementando algumas atividades. Entretanto, esse tipo de pesquisa não é robusta para chegar a conclusões sobre causa e consequência ou sobre o efeito de um tratamento (PAIVA, 2019, p. 47). Ainda, há a reserva que muitos pesquisadores fazem quanto a esse tipo de pesquisa: a falta de controle, além de não haver comparação com outro grupo.

O último método quantitativo apresentado, o *survey* ou levantamento de opinião é apresentado como o tipo de pesquisa que serve de coleta de dados descritivos. Podem ser de larga escala (que se pretende medir a quantidade de pessoas adeptas a uma informação) ou em pequena escala. Estes dados podem ser obtidos por meio de entrevistas ou questionários e ainda por uma combinação dos dois. Interessante que Paiva salienta, na atualidade, a possibilidade digital desse tipo de coleta por meio de questionários digitais, além de apresentar algumas dicas de aplicativos e recursos.



Ao final do capítulo, Paiva apresenta algumas questões que devem ser levadas em consideração para que se decida sobre a pertinência do *survey* como forma de coleta de dados e se, de fato, as pesquisas quantitativas demonstram em sua totalidade confiabilidade, validade e não sofreram interferência subjetiva do pesquisador, a fim de que sejam, efetivamente, objetivas. Além disso, ressalta que as pesquisas de tipo experimento, quase-experimento e pré-experimento não são muito usuais atualmente em pesquisas em Educação e LA.

No capítulo quatro (o mais detalhado do livro, visto a sua importância para pesquisas em LA), “Métodos de pesquisa qualitativa”, a autora apresenta 6 tipos de pesquisa em 6 seções: bibliográfica; estudo de caso; pesquisa-ação; pesquisa narrativa; teoria fundamentada em dados e pesquisa etnográfica e, para cada tipo de método, apresenta exemplos de pesquisas em LA que se valeram deles. Finaliza o capítulo, avaliando os métodos de pesquisa qualitativa.

Para o primeiro tipo, destaca dois pontos que considera necessários para fazer uma boa pesquisa bibliográfica: 1) sobre seu conteúdo a fim de encontrar lacunas e fontes favoráveis a esse respeito; 2) sobre a organização de dados, não fazendo dos autores encontrados somente uma listagem de citações. Além disso, oferece dicas de como realizar a pesquisa nos diferentes buscadores digitais e como usar fontes secundárias (como dissertações e teses) para encontrar fontes primárias. Algo de extrema relevância, nesta seção, são os tipos de pesquisa que se podem fazer a partir de uma pesquisa bibliográfica: metapesquisa ou meta-análise. A primeira é entendida como uma estratégia para analisar sistematicamente pesquisas de determinado campo ou temática, para verificar os fundamentos teóricos das pesquisas e o seu significado para o campo teórico; enquanto a segunda, a meta-análise é um procedimento que visa agregar resultados de pesquisas empíricas, comparando-as com análise estatística.

Na seção seguinte, “Estudo de caso” é definido como o tipo de pesquisa que investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou de um grupo em contexto



específico, sendo um estudo naturalístico. Apresenta, ainda, tipos de estudos de caso, segundo Duff (2006), e as competências necessárias ao pesquisador, de acordo com Leffa (2006). Além disso, Paiva discorre sobre as etapas em um estudo de caso e salienta que a principal debilidade desse método é a dificuldade de generalização, haja vista a instância particular dessa forma de investigação, na qual as generalizações não são almejadas.

A terceira seção dos métodos qualitativos apresenta a “Pesquisa-ação”, na qual pesquisador e pesquisado são parte do processo e ambos geram conhecimento. Para a autora, em LA ou no campo da Educação, os professores, sozinhos ou em conjunto com um pesquisador, identificam um problema a ser investigado ou uma questão a compreender e partem para a ação e reflexão. Há também passos da pesquisa-ação apresentados por Menezes (2019), a partir dos propostos por Kemmis e MacTaggart (2005), sugerindo que se usem pelo menos dois instrumentos de coleta de dados para que sejam triangulados, a fim de garantir a confiabilidade e credibilidade dos dados da pesquisa. Paiva discute que há empecilhos para a realização desse tipo de pesquisa: dificuldades nos contextos nos quais ela se desenvolve; não reconhecimento do trabalho dos professores/pesquisadores; pouco tempo para desenvolvê-la e reportá-la aos superiores e, finalmente, o risco de não se conseguir adesão junto a outros colegas (no caso de serem necessários outros grupos à pesquisa). Entretanto, há um ponto positivo importantíssimo ressaltado: indissociabilidade entre pesquisa e ensino.

Na seção quatro, apresenta o método que tem sido muito usado em pesquisas da área de humanidades: etnografia. Nesse tipo de pesquisa, Paiva ressalva que não há, como ponto de partida, questões e hipóteses predeterminadas, o pesquisador pode ter algumas, antes de entrar em campo, mas é, no contexto de pesquisa, que hipóteses e questões emergem e, em um processo dinâmico, são revistas e substituídas / modificadas. Assim, ele é um observador e participante da comunidade, pois está sempre em interação com a comunidade pesquisada, podendo, ainda, ajudar o professor em algumas tarefas, ou mesmo substituí-lo quando



necessário, mas não introduz alterações como na pesquisa-ação, estudando o fenômeno em seu estado natural. Para isso, apresenta quatro fases da pesquisa etnográfica e como analisar os dados que, geralmente, são discursivos e interpretativos, além de serem recursivos.

Outro método de pesquisa qualitativa apresentado é a “Pesquisa narrativa”, definida, simplificada, como qualquer estudo que use ou analise materiais narrativos (PAIVA, 2019, p. 88). Nesse tipo de pesquisa, Paiva ressalta que os dados utilizados são retirados de histórias de vida, sejam de formação, aprendizagem, etc. e que elas ajudam a entender os mundos interiores de seus narradores, ao interpretarem suas experiências. Entretanto, assinala que é necessário ter sensibilidade, ao interpretar os dados, indo além do que foi narrado. Ainda, nessa seção, demonstra que há tipos de registro diferentes para a geração de dados narrativos (gravações em áudio e/ou vídeo; entrevistas orais e escritas; observações de aula; diários; autobiografias; etc.) e há tipos de pesquisa narrativa, tais como 1) holística, com foco no conteúdo, no qual se analisa toda a história narrada; 2) holística, com foco na forma, cujo foco está apenas na forma, na estrutura; 3) análise categorial, com foco no conteúdo, na qual o pesquisador se centra em algumas categorias ou temas; 4) análise categorial, com foco na forma, na qual se observam características estilísticas ou linguísticas de determinadas unidades da narrativa. Finaliza a seção, ressaltando que o grande mérito desse método de pesquisa é dar voz aos participantes e levar o pesquisador a entender os fenômenos, por meio das experiências narradas, sendo colaborativa entre pesquisado e pesquisador.

A penúltima seção do capítulo 5 apresenta a “Teoria fundamentada em dados”, a qual é concebida como um estudo indutivo dos fenômenos, sendo os dados, os fornecedores de fundamentos para a geração de uma teoria, ou seja, a partir dos dados é que se formula a teoria e não o contrário, como muitas vezes se desenvolvem as pesquisas. O grande desafio do pesquisador, nesse tipo de pesquisa, é livrar-se da(s) teoria(s) que podem servir de lente para a interpretação dos dados.



Finaliza o capítulo com a “Avaliação da pesquisa qualitativa”, na qual elucida que todo método de pesquisa qualitativa é julgada pelos mesmos parâmetros da pesquisa quantitativa: confiabilidade, validade e objetividade. Entretanto, salienta que, para esse paradigma, outros critérios são mais adequados, como: 1) a credibilidade, visto que demonstra que os resultados da pesquisa e sua interpretação foram apresentados de forma crível; 2) a aplicabilidade ou transferibilidade, isto é, a possibilidade de os resultados obtidos serem transferidos ou aplicados em contextos semelhantes ao da pesquisa realizada; 3) a dependabilidade, cujo pressuposto é levar em consideração a dependência ao contexto e 4) confirmabilidade, ou seja, avalia-se a qualidade dos dados que permitem a outro pesquisador confirmar os resultados obtidos. A última dica ao fechar o capítulo é de extrema importância, pois afirma que “para que um estudo possa ser avaliado, é importante que o pesquisador – em seu relato de pesquisa, descreva com clareza os objetivos, o contexto onde se realizou a investigação, o suporte teórico, e os procedimentos de geração e análise dos dados” (PAIVA, 2019, p. 103).

O último capítulo do livro, intitulado “Dicas de Pesquisa” apresenta a compilação de publicações que a autora fez em sua página da rede social *Facebook*, na qual deu as dicas de como realizar a pesquisa; sobre referências bibliográficas; perguntas de pesquisa; além de explicar sobre os métodos de pesquisa. Essa coleção de sugestões iniciou-se e findou-se em 2017, com 116 dicas, das quais foram escolhidas algumas e se tornaram o material para este manual.

Envio: agosto de 2020

Aceito: agosto de 2020